

Práticas e discursos aplicados pelo regime nazista sobre surdos na Segunda Guerra Mundial¹

Nazi's practices and discourses about the deaf in the second world war

Danilo da Silva²
Germano Weniger Spelling³

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar as práticas e discursos aplicados pelo regime nazista sobre pessoas surdas durante a Segunda Guerra Mundial, no período de 1939 a 1945. A abordagem metodológica adotada teve caráter qualitativo e foi realizada através de revisão da literatura bibliográfica, considerando, principalmente, os autores americanos Biesold (1999) e Ryan & Schuchman (2002). Os estudos relatam que durante o período do nazismo, milhares de pessoas surdas foram submetidas a Eugenia, Eutanásia e esterilização, causadas pela política de higiene ou limpeza raciais, na expectativa de que não comprometessem as futuras gerações arianas. Examinando reportagens e materiais de escolas da época, descobriu-se que os professores e diretores destas instituições foram os principais colaboradores para encontrar e identificar os candidatos ao extermínio, pois era considerado desperdício educar aqueles tidos como "inferiores". Cerca de 2.000 crianças surdas morreram por injeção letal ou de fome durante o Holocausto. Os nascidos surdos eram separados de seus pais e levados para salas especiais onde eram mortos por gás venenoso. Abortos forçados também foram feitos em mulheres suspeitas de poderem estar gerando crianças surdas. E os casamentos entre surdos não eram permitidos. Com base nestas informações, os resultados estudados permitem um conhecimento histórico do passado do sujeito surdo durante a Segunda Guerra Mundial, mas que necessitará ser ampliado.

Palavras-chave: Surdo. Regime Nazista. História.

Abstract: This article aims to investigate Nazi's practices and discourses about deaf people during World War II, from 1939 to 1945. The methodological approach adopted here was a qualitative one and it was carried out through a review of the bibliographical literature, mainly considering the American authors Biesold (1999) and Ryan & Schuchman (2002). Studies report that during the Nazi period, thousands of deaf people were subjected to eugenics, euthanasia and sterilization, caused by racial hygiene or cleansing policy, hoping they would not compromise future Aryan generations. Examining news stories and school materials of the time, it was discovered that the teachers and principals of these institutions were the main contributors to finding and identifying candidates for extermination, as it was considered wasteful to educate those people, perceived as "inferior". About 2,000 deaf children died from lethal injection or starvation during the Holocaust. The deaf-born were separated from their parents and taken to special rooms where they were killed by poisonous gas. Forced abortions have also been done on women suspected of being deaf children. Marriages between the deaf were not allowed. Based on this information, our results offer some historical knowledge about deaf people's past during World War II. More research is needed, though.

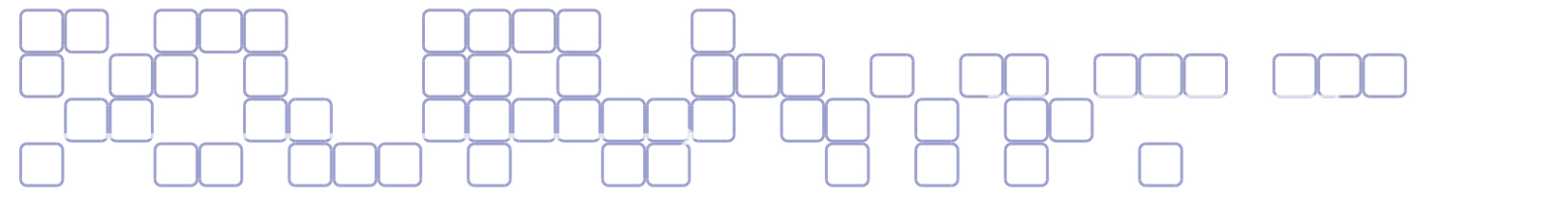
Keywords: Deaf. Nazi. History.

Palavras iniciais: Contextualização histórica sobre ascensão e queda do regime nazista na Segunda Guerra Mundial

¹ O presente trabalho é resultado final do projeto de iniciação científica que está vinculada ao projeto institucional "História dos Surdos: investigação e resgate da memória esquecida nos registros históricos ao longo do tempo" da Universidade Federal do Paraná - UFPR. (IC-UFPR, 2017-2018).

² Doutorando em Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Professor Professor do curso de Letras Libras, do setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná. danilo.silva@ufpr.br

³ Graduado em Ciências Biológicas. Acadêmico de curso de Letras Libras da Universidade Federal do Paraná. gspelling@hotmail.com



A análise da situação da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial deve ser feita com base na evolução social e econômica ocorrida depois da Primeira Grande Guerra (1914 a 1918). Com a derrota alemã nessa ocasião, a moral nacional foi abalada, e com a Grande Depressão de 1929 e a queda da Bolsa de Nova Iorque, a fraca economia sofreu um forte baque.

Esse pano de fundo foi o suficiente para o surgimento do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, de extrema direita, sob o comando de Adolf Hitler, em contraponto aos comunistas, com fortes ligações com a União Soviética, um dos maiores adversários e vencedores do primeiro grande conflito armado mundial.

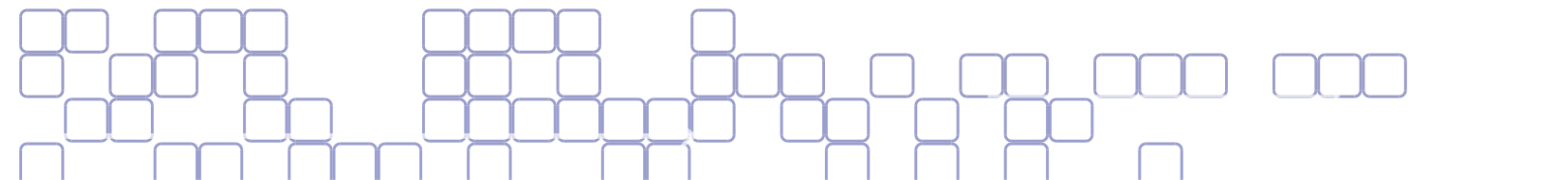
Após o final da Primeira Guerra, a República de Weimar⁴ era um país devastado. As precárias condições econômicas da população proporcionaram protagonismo político ao Partido Nacionalista, muito em razão do carisma, da oratória e da eloquência do seu *führer*⁵, Adolf Hitler. Tal destaque fez com que seu partido fosse o vencedor de eleições legislativas, dominando o Congresso alemão. Consequentemente, foi proclamado chanceler alemão em 1933, iniciando, assim, suas políticas territorialistas e de supremacia ariana, e criando leis racistas e antissemitas. A definição de “raça ariana” era suprema em todos os territórios, subjugava os demais grupos tais como judeus, ciganos, deficientes físicos e intelectuais, além de outras minorias, como a dos homossexuais, e tratava-os como dispensáveis.

O Holocausto, idealizado e perpetrado pelos nazistas, foi o genocídio de milhões de judeus pela Europa. Foi chamado de “solução final” e, neste período, cerca de seis milhões foram mortos pelo regime. As mortes ocorreram, também, em toda a Alemanha nazista ocupada. Os métodos utilizados foram asfixia por gás venenoso, fuzilamentos, enforcamentos, trabalhos forçados, fome, experiências pseudocientíficas, tortura médica e espancamentos.

Hitler instituiu sua política segregacionista contra a comunidade judaica polonesa, estimada antes de 1939, em três milhões de pessoas, inicialmente por

⁴ República de Weimar foi o nome dado ao governo alemão, no período entre o fim da Primeira Guerra Mundial (1918) e o início da Alemanha nazista (1933).

⁵ *Führer* é um termo de origem alemã que foi usado para apontar quem era o líder a guiar um grupo de pessoas ou uma nação.



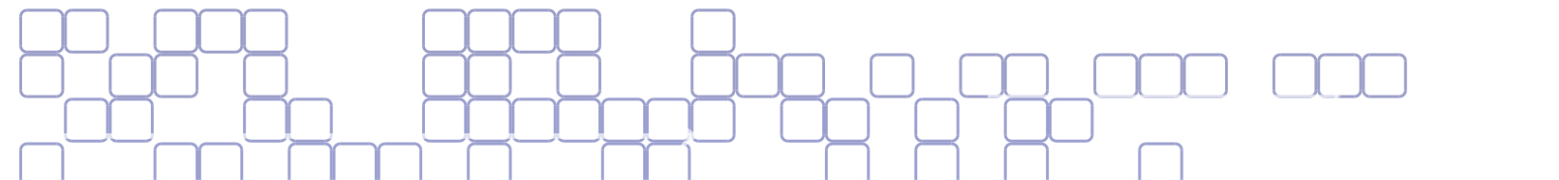
meio de execuções. Em 1940 passou à construção de guetos, os quais eram essencialmente partes de bairros degradados, murados, sem condições sanitárias adequadas. O maior destes guetos foi o instalado em Varsóvia no mesmo ano, com uma população que chegou a 380.000 pessoas, equivalente a 30% da população, confinados em um ambiente que ocupava apenas 2% do território da cidade. Posteriormente, ordenou a construção de campos de concentração e extermínio, passando assim para a fase de industrialização da morte.

Vários fatos importantes se sucederam na época. A entrada dos Estados Unidos na guerra, após o ataque japonês em *Pearl Harbor* em 1941, a derrota alemã na frente soviética, a unificação dos ataques dos Aliados a oeste e o desembarque de tropas na Normandia em junho de 1944. Associados a estes, o suicídio de Hitler e a tomada de Berlim pelas tropas soviéticas fizeram com que os alemães se rendessem em maio de 1945, pondo fim à guerra em sua frente europeia. Em agosto do mesmo ano, os japoneses assinaram os termos de rendição após as duas bombas nucleares americanas devastarem Hiroshima e Nagasaki.

No Julgamento de Nuremberg, com a derrota do Eixo, diversos criminosos nazistas, entre eles muitos oficiais, foram julgados pelos países vitoriosos ao final de 1945, e se utilizaram da teoria do “domínio do fato”, através da qual o indivíduo responde pela sua ação ou omissão em relação a determinado fato, e não por sua posição social ou cargo exercido, pois, conforme alegavam, apenas cumpriam ordens superiores.

Tais “ordens superiores” geraram um total aproximado de 58 milhões de mortes, entre civis e militares. Em relação aos civis, o foco nazista era a eliminação de minorias como judeus (6 milhões de mortos), ciganos (1,5 milhão), homossexuais (15 mil), pessoas com deficiências (250 mil), entre outros. Este último grupo é o foco deste trabalho, que tem como objetivo levantar, acerca dos surdos durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945), a forma como eram tratados e o destino destes frente às políticas de erradicação de todos aqueles não considerados como “arianos”.

Para tanto, foi feita uma revisão de literatura envolvendo os acontecimentos sociais e políticos que culminaram no surgimento do regime nazista, seu apogeu, suas políticas segregacionistas e seu declínio.



Discursos e práticas sobre pessoas surdas durante o regime nazista na Segunda Guerra Mundial

Durante a Segunda Guerra Mundial, ocorrida entre 1939 e 1945, o governo alemão estabeleceu três frentes principais: (I) territorial, com a dominação de países da Europa, (II) política, como contraponto aos comunistas ao leste, na União Soviética, e (III) definição da “raça ariana” como suprema. Dentro deste contexto, ficaram em evidência conceitos como Darwinismo social, Eugenia e Eutanásia⁶.

Por meio da divulgação do conceito de Darwinismo social, cresceu a ideia de que os fortes são os mais preparados e vão sobreviver, e que os fracos deveriam ser dizimados, sendo impedidos de, assim, propagar seus gens e se alastrar. Desta forma, muitos seres humanos passaram a ser não só menos valiosos como destinados a desaparecer.

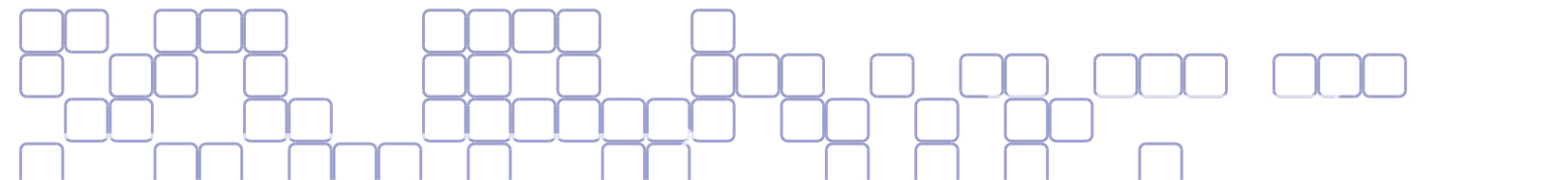
Pesquisadores começaram, então, a estudar a melhoria da humanidade por meio de casamentos seletivos, com a ideia de que desta forma haveria evolução física, moral e intelectual das raças superiores. Esta nova ciência foi, então, em 1881, chamada de Eugenia e introduzida pelo naturalista e matemático, Francis Galton. Uma ciência que estuda as possibilidades de aprimorar a espécie humana do ponto de vista genético. E este conceito foi um dos principais pilares utilizados na Alemanha para a construção de uma nação exclusiva para a raça ariana pura.

Em seu livro *Crying hands: eugenics and deaf people in nazi Germany*⁷, o americano Horst Biesold (1999) afirma que, com a chegada de Hitler ao poder, surgiu o crescimento do número de crentes e de seguidores da Eugenia positiva, ou o aumento da procriação dos grupos mais desejáveis de seres humanos, como os arianos, processo que ficou conhecido como “higiene da raça”. Mas este, ao invés de apoiar a criação de uma raça suprema, levou à busca da erradicação do indesejável, a denominada Eugenia negativa.

As pessoas surdas fizeram parte do alvo do plano de extermínio da política nazista. Junto com os judeus e os ciganos, as pessoas com deficiência física ou mental, chamadas de impróprias, deveriam ser eliminadas da comunidade alemã. Assim que assumiu o poder, Hitler decretou uma Lei de Prevenção de Filhos com

⁶<http://www.bbc.co.uk/ouch/minisites/1207/fact/the_holocaust_and_disabled_people_faq_frequently_asked_questions.shtml>.

⁷ Mãos que choram: eugenia e surdos na Alemanha nazista. (Tradução nossa).



Doenças Hereditárias⁸, emitida em 14 de julho de 1933 e voltada para pessoas com deficiências (BIESOLD, 1999). Esta lei determinava que qualquer pessoa que sofresse de uma doença hereditária diagnosticada por médico poderia ser eliminada, e foi estabelecida para garantir que o gene surdo não fosse transmitido aos bebês.

Ryan & Schuchman (2002) dizem, ainda, que tal lei afirmava que qualquer pessoa poderia ser esterilizada por cirurgia, quando a ciência médica indicasse que existia forte probabilidade de a prole sofrer graves defeitos físicos ou mentais hereditários, reiterando o objetivo proposto de alcançar a pureza da raça.

Biesold (1999) referiu, também, que ouvintes nazistas diziam, muitas vezes, aos surdos que eles deveriam ser esterilizados e aceitar esse processo como positivo porque seria "melhor não ter filhos do que ter um filho cego ou surdo ou epilético". Outros afirmavam que "seria uma coisa boa para a pessoa esterilizada que ela não tivesse filhos. A vida destes, provavelmente, seria suficientemente difícil sendo como os pais". Pais ouvintes ficavam surpresos com o fato de alguém querer passar um obstáculo tão horrível para seus próprios filhos.

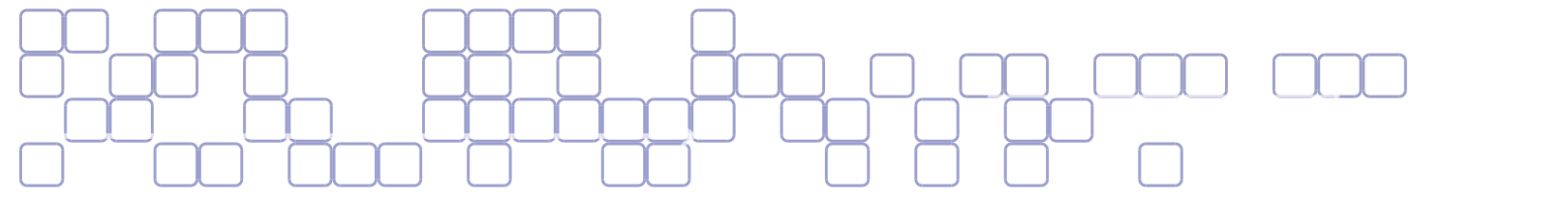
Esta lei foi confirmada pelos tribunais de magistrados que eram acompanhados pelos recém-criados tribunais de saúde hereditários. Em cada um dos 220 tribunais existentes, havia três membros: um juiz do tribunal de magistrados, um médico do serviço de saúde pública e outro médico com conhecimento especializado sobre as leis da hereditariedade, e que decidiam o destino do acusado. Como esses membros eram todos leais ao regime nazista, só se poderia esperar a decisão padrão que era tomada em relação a qualquer surdo. Entre dezesseis e dezessete mil alemães surdos foram esterilizados (RYAN & SCHUCHMAN, 2002).

E, assim, um ano após a lei ser decretada, estima-se que foram exterminadas em torno de 32 mil pessoas. Acredita-se que, em média, 1% desta população no primeiro ano foi de pessoas surdas (RENWAND, 2012).

As pessoas surdas eram, certamente, estigmatizadas como pessoas com deficiência que estariam transmitindo um traço tão incapacitante e indesejável para seus filhos e, portanto, deveriam ser interrompidas. Os nazistas usaram a ideia de Eugenia para justificar suas ações implacáveis.

A abordagem nazista da higiene racial tornou-se mais brutal com o tempo. Começou com a esterilização de surdos hereditários e terminou com

⁸ Law for the Prevention of Offspring with Hereditary Diseases.
RE-UNIR, v. 5, n° 2, p. 157-168, 2018.



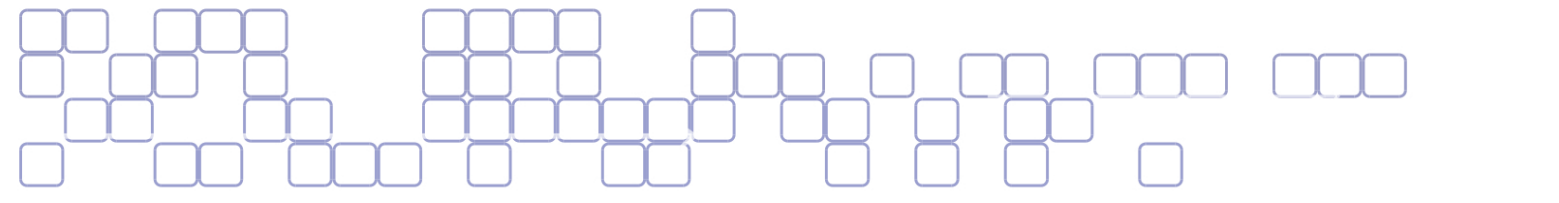
assassinatos brutais de pessoas escolhidas aleatoriamente, mesmo que fosse difícil estabelecer alguma conexão com alguma pessoa surda.

A esterilização era realizada por meio de uma cirurgia muito dolorosa em que homens e mulheres tinham seus canais reprodutivos amarrados ou parte de seu sistema reprodutor removido. No entanto, era mais comum que os médicos removessem completamente os testículos ou os ovários para impedir chances de reversão. A idade média para esterilização era de dezoito anos; no entanto, a pessoa surda esterilizada mais nova de que se teve notícia, estava com nove anos de idade (BIESOLD, 1999).

Bielsold (1999) afirmava que a esterilização era vista como um dos atos menos ferozes da prevenção da descendência surda; mas, obviamente, não se poderia dizer que isso era humano. Na verdade, em alguns aspectos, era mais invasivo e doloroso do que a própria morte. Eram muito comuns as cicatrizes físicas e emocionais, e a dor física, uma batalha contínua durante o resto de suas vidas. Quando homens e mulheres com surdez hereditária eram encontrados, era emitida uma carta endereçada a eles ou a seus pais, solicitando que comparecessem ao hospital mais próximo nas duas semanas seguintes para se submeter a processo de esterilização. Se a ordem não fosse cumprida, eram caçados e levados de casa à força. Essas pessoas eram, então, mais propensas a serem maltratadas durante a cirurgia, porque eram vistas como difíceis e merecedoras de uma lição punitiva.

Ryan & Schuchman (2002) mencionaram uma história contada por surdos sobreviventes. Um dos pacientes contou que sofreu uma cirurgia sem anestesia e foi forçado a assistir à operação em um espelho. Segundo autores afirmam, era extremamente raro o uso de qualquer tipo de anestesia, o que causou muito sofrimento.

Em uma pesquisa, uma mulher de nome de Gertrude Jacob foi entrevistada por Biesold (1999). Explicou que grandes absurdos eram cometidos para se criar uma raça pura. Ela relatou que quando tinha menos de 3 anos de idade, sofreu um acidente que lhe causou surdez. E, quando adulta, passou a receber cartas indicando que ela deveria ser levada a um hospital para esterilização, o que lhe parecia ridículo pelo fato de que, obviamente, ela não era surda hereditária. Seu pai enviou uma carta confirmando esse fato, mas os oficiais de saúde persistiram. Ela foi



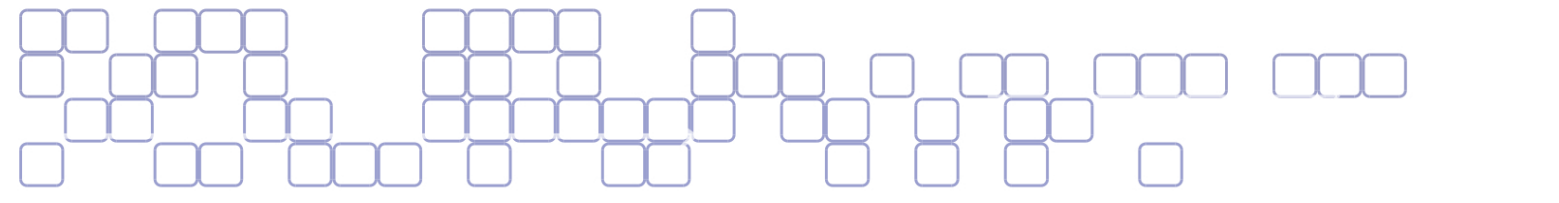
forçada a criar uma árvore genealógica para provar suas objeções, e mesmo com a ajuda de outros, ela teve pela frente uma batalha difícil. As autoridades ainda insistiam que ela fosse esterilizada e, quando perdia a esperança, encontrou uma informação que afirmava que a tal lei não era aplicável a pessoas que tinham noivos com cidadania estrangeira. Rapidamente escreveu para um amigo que residia em outro país, pedindo que se casasse com ela. Esta foi a única maneira de escapar à perseguição porque, aparentemente, os fatos não foram suficientes para deter, no seu caso, a intenção de limpeza racial.

Apesar da falta de evidência de conexão hereditária, as pessoas foram continuamente esterilizadas sem qualquer consentimento. Biesold (1999) registra que, em um caso, a mãe de uma menina que estava sendo convocada para esterilização, escreveu uma carta dizendo: "Não consigo assinar este formulário de consentimento", o que foi completamente ignorado, pois eles fizeram a cirurgia da mesma forma. Na maioria dos casos, os pais foram informados sobre a esterilização de seus filhos após o fato, e ainda era comum que a criança não fosse informada.

Aborto para mulheres surdas

Outro tipo cruel de procedimento era contemplado na Lei de Prevenção de Filhos com Doenças Hereditárias. Dizia respeito às mulheres surdas que ficaram grávidas antes de serem capturadas para esterilização. Elas podiam dar origem a bebês potencialmente surdos, o que era contra os objetivos da higiene racial do Terceiro Reich. Então, em 26 de junho de 1935, a lei foi ampliada para incluir o término da gravidez de qualquer mulher surda.

Os estudos de Biesold (1999) apontavam que, conforme registros da época, das seiscentas e sessenta e duas (662) mulheres que foram esterilizadas, cinquenta e sete (57) foram vítimas de abortos forçados. Assim como as esterilizações, tais abortamentos foram feitos sem consentimento. As mulheres grávidas eram levadas para um hospital onde eram feitos os abortos e, posteriormente, as cirurgias de esterilização. As sobreviventes contavam que, ao acordar, sentiam uma dor excruciante e grande choque ao perceber sua barriga cicatrizada e vazia (BIESOLD, 1999). Pelos registros, o período de gravidez em que mais ocorriam os



abortos induzidos era entre o quarto e o sexto mês; no entanto, não importava se a criança era recém-concebida ou se estava prestes a nascer.

Outra forma de prevenção foi aprovada em 18 de outubro de 1935. Foi uma lei adicional chamada Lei de Casamento. Esta exigia que para que duas pessoas pudessem se casar, deveriam levar sua história genealógica ao tribunal para provar que não corriam o risco de ter um bebê surdo; em caso contrário, o casamento não seria permitido (BIESOLD, 1999).

Biesold (1999) aponta a gravidade dessas operações. Eram um massacre que causava tanto sofrimento entre os surdos, que algumas pessoas preferiam a morte, buscando-a pelo suicídio em vez de serem desumanizadas de maneira tão terrível.

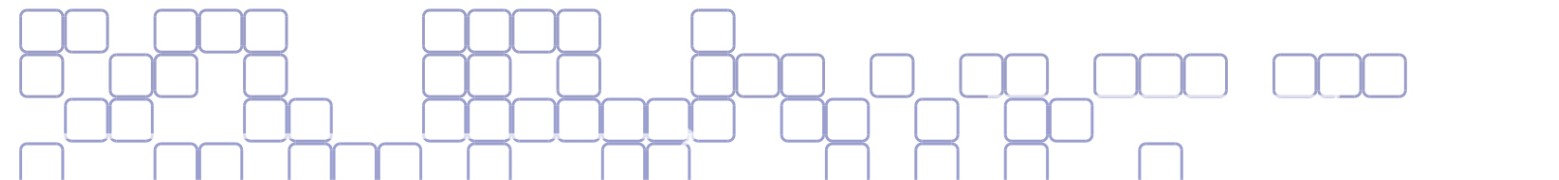
Educação dos surdos no regime nazista

A educação surda antes da Segunda Guerra Mundial estava em seu ponto alto. Segundo Ryan & Schuchman (2002), em 1926, havia 73 escolas e 707 professores especializados em surdez e 6.149 alunos surdos em toda a Alemanha. O Oralismo foi uma filosofia educacional bastante utilizada na época. A ideia de que o surdo deveria aprender a falar para parecer normal no mundo ouvinte estava aumentando progressivamente durante esse período.

Biesold (1999) menciona que, em 1932, um documentário intitulado *Verkannte Menschen*⁹, escrito por Willhelm Ballier e produzido por Alfred Kell, foi lançado pela comunidade surda alemã. Era um filme mudo, com legendas para que todos pudessem apreciá-lo e exibia o Oralismo e a Língua de Sinais. Ele retratava os surdos com uma luz muito positiva e mostrava os sucessos e os avanços que obtiveram na sociedade. Também falou sobre injustiças e a discriminação que eles enfrentavam.

Quando Hitler percebeu isso, proibiu o filme e qualquer outra atividade que mencionasse as pessoas surdas que tinham sucesso. Passaram a aparecer filmes com intenção de criminalizar e degradar os surdos e as pessoas com deficiência, para justificar seu programa de esterilização e Eutanásia. Para isso, Hitler decidiu fechar a maioria das escolas bem como muitos outros programas para surdos. Os

⁹ Pessoas incompreendidas.



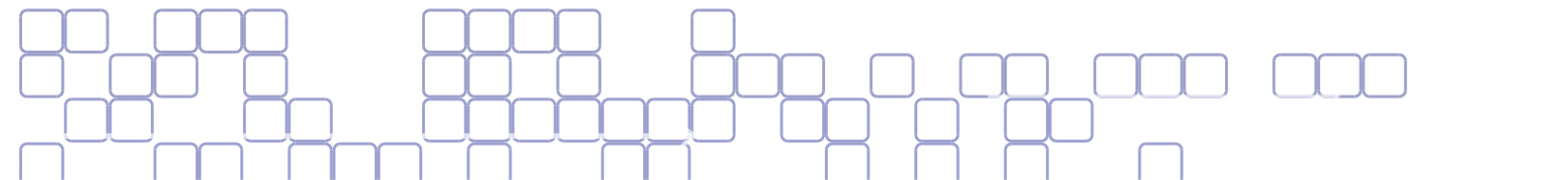
professores especializados foram reduzidos a menos de 10% da força de ensino geral e, em números tão pequenos, pouco conseguiram lutar contra o inevitável (BUCHANAN, 2002).

Poucas escolas para surdos na Alemanha não foram fechadas. E estas escolas foram o único aspecto positivo para esta comunidade naquele momento. Mas, infelizmente, elas também foram responsáveis por canalizá-los para o sofrimento. Na verdade, os professores e administradores, nessas instituições, eram responsáveis por informar sobre seus alunos surdos para o regime nazista.

No estudo de Biesold (1999), ele registra que trinta e quatro por cento (34%) das vítimas surdas que enfrentaram esterilização, foram denunciadas pelos seus professores ou pela instituição em que estudavam. As autoridades de saúde foram responsáveis por mais quarenta e seis por cento (46%) das esterilizações, e o partido nazista, por mais trinta por cento (35%). Ele também aponta para o fato de que, nas cidades onde a maioria dessas pessoas foi esterilizada, havia uma escola para surdos. Ryan & Schuchman (2002) examinaram as reportagens e materiais das antigas escolas da época. Também encontraram informações que confirmam que os professores e diretores das escolas foram os principais colaboradores para encontrar e identificar os candidatos ao extermínio.

A influência dos ideais oralistas e do regime nazista afetou severamente muitos professores dos surdos. Eles se sentiram responsáveis pela implementação do trabalho do *Führer* e por ajudar na limpeza racial. Os alunos que mostravam sinais de dificuldades de aprendizagem, incluindo aqueles que tinham problemas para aprender a falar, eram considerados candidatos perfeitos para a esterilização. (BIESOLD, 1999).

O mesmo autor apresentou o caso do homem que escreveu uma carta ao ex-diretor de sua escola, Edwin Singer, quando descobriu que este, vinte e cinco anos antes, o havia indicado para a esterilização, uma cruel forma de abuso. E ele perguntou: "Por que você ficou em silêncio e não me disse que a esterilização significava matar meu corpo e que foi um erro e é um crime que eu não possa ter filhos? A esterilização faz um corpo sem valor. Já não me sinto como uma pessoa real. Não estava certo e foi uma tragédia" (BIESOLD, 1999). Infelizmente, ele foi um dos poucos que encontrou forças para enfrentar seu opressor.



Programa T4

Possivelmente, Hitler não estava mais satisfeito com a Eugenia e a Eutanásia aplicadas. Optou, então, em 1939, pelo extermínio completo do "impróprio" e do "indesejável".

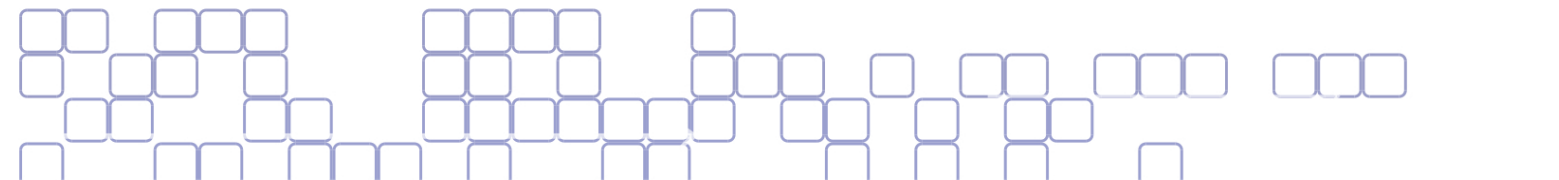
Com a guerra, Hitler encontrou a oportunidade de começar uma operação secreta chamada T-4. Refere-se ao *Tiergartenstrasse 4*, que foi idealizado pelos médicos Karl Brandt, Viktor Brack e Philipp Bouhler. Em agosto do mesmo ano, o governo nazista colocou em prática um programa para eliminar as pessoas indesejadas.

Na época, muitas pessoas surdas tinham dificuldade de acesso às notícias, e eram privadas de informações. Desta forma não tinham conhecimento da política nazista e, muitas vezes, eram manipuladas pela imprensa. (BIESOLD, 1999).

Por medo de chamar a atenção para os assassinatos crescentes, Hitler buscou limitar o conhecimento do programa T-4. Ele exigiu que os professores inscrevessem seus estudantes surdos junto aos tribunais de saúde. Os inscritos eram levados, discretamente, em furgões para serem mortos. As vítimas eram reunidas em uma sala para um "exame médico", mas em vez disso estavam presas em uma sala cheia de gases tóxicos. E os corpos eram prontamente eliminados nos crematórios onde as evidências eram destruídas (BIESOLD, 1999).

Aqueles que, por ventura, sobreviviam, eram recolhidos nos guetos e forçados a trabalhar para os nazistas sob condições horríveis, como em temperaturas muito baixas ou em torno dos corpos de seus amigos e familiares, já em decomposição. Eles eram autorizados a usar apenas camadas finas de roupa e comer apenas pequenas rações de comida podre. Muitas pessoas surdas morreram de frio ou de fome (BIESOLD, 1999).

O autor mencionou, ainda, que cerca de duas mil crianças surdas foram mortas por inanição ou injeção letal e que, muitas vezes, seus pais não eram informados previamente. Raramente houve alguma simpatia nazista pelos detidos que mostravam alguma forma de fraqueza. Se a pessoa fosse simplesmente surda, receberia uma "morte por misericórdia" por meio de doses letais de morfina ou outras drogas, mas se também fosse judia, lhe era negada a misericórdia, pois era considerada "indigna de bondade".



As pesquisas mostram que os judeus surdos foram os primeiros excluídos da comunidade surda da época, após serem segregados da sociedade, sendo levados, por fim, aos campos de extermínio (BIESOLD, 1999).

O último nível de destruição dos surdos foi a sua incorporação à “solução final” dos judeus. Este programa estendeu-se até agosto de 1941, quando, após a invasão da União Soviética, Hitler percebeu que o final da guerra estava próximo e que a Alemanha estava perdendo a batalha. Preocupou-se em agir para que nada atrapalhasse a sua ideia de supremacia da raça pura (RENWAND, 2012).

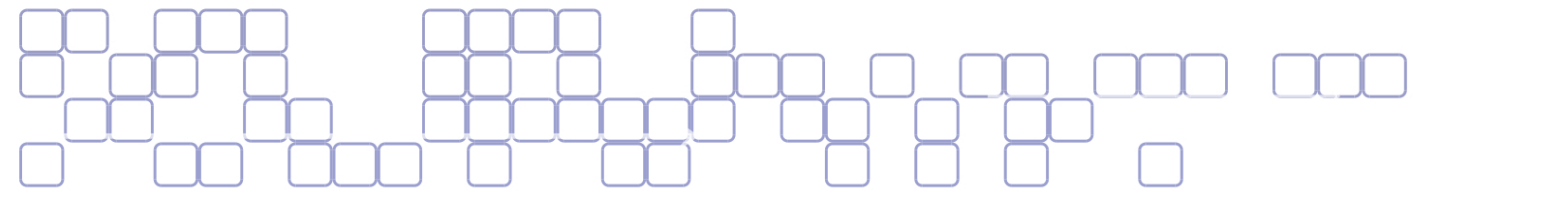
Considerações finais

O Holocausto foi um genocídio sem precedentes na história. Baseado em teorias para a construção de uma raça pura e na superioridade de determinados grupos considerados “melhores e perfeitos”, este foi, sem dúvida, o mais radical movimento de extermínio em massa já visto na história do mundo.

O que vimos com esta revisão de literatura é que, apesar de muitas informações sobre o tratamento brutal das minorias serem divulgadas logo após o final da guerra, o verdadeiro horror da tortura vem aparecendo aos poucos e até hoje muitos dados ainda não foram esclarecidos.

Durante o Holocausto, as ações contra as pessoas surdas e pessoas com outras deficiências foram consideradas como dirigidas a grupos minoritários. Entretanto, podemos ver pela literatura que não foi bem assim. Os surdos morreram de frio, de fome, por injeções letais e sufocadas em câmaras de gás, assim como os outros grupos perseguidos durante este regime.

A perseguição contra os surdos ainda não foi totalmente pesquisada, sendo, portanto, pouco conhecida. É difícil determinar o número exato de pessoas surdas que foram exterminadas pelo regime nazista, principalmente porque muitos dos registros foram destruídos e porque recolher o número exato destas vítimas seria uma operação delicada. Os surdos nunca foram oficialmente designados como sujeitos do projeto de Eutanásia, porém atualmente sabemos, pelas pesquisas, que crianças e adultos surdos foram exterminados neste período. E por tudo isso, a história dos surdos na Segunda Guerra Mundial não deve ser ignorada.



A pesquisa sobre este tema está apenas começando, e ainda necessita de mais investigação para que se possa descrever a vida da população surda durante a Segunda Guerra Mundial. Poucos sabem, até hoje, que durante o regime nazista muitos homens, mulheres e crianças surdas foram exterminados por assassinato, nas mais diversas formas. Ser judeu e surdo não foi fácil na Alemanha Nazista e era raro, como um milagre, um deles sobreviver.

Apesar de existirem especulações questionando a perseguição e o genocídio dos surdos na política de Hitler, as evidências que aparecem na revisão de literatura sobre as perseguições são esmagadoras e, portanto, a comunidade surda deve e pode ser reconhecida como um grande grupo vitimado nesta época. E novos estudos e maiores pesquisas devem ser realizados para que nenhuma investida contra os surdos ocorra novamente na história.

REFERÊNCIAS

- BIESOLD, H. *Crying hands: eugenics and deaf people in nazi Germany*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1999.
- BUCHANAN, R. M. *Illusions of equality: deaf americans in school and factory, 1850-1950*. 'Conspiracy of silence': Contesting exclusion and oral hegemony. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2002, capítulo 6.
- RENWAND, G. *The experience of the deaf during the holocaust*. Northern Michigan University. Disponível em: <http://www.nmu.edu/english/sites/DrupalEnglish/files/UserFiles/Files/Renwand.pdf>. Acesso em: 30 out. 2017.
- RYAN, D. F. & SCHUCHMAN, J. S. (Eds.). *Deaf people in Hitler's Europe*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2002.